

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Denise de Melo Franco Moro da Costa

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2025

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza/ Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec)

Levantamento de dados preliminares a entrevista: A professora e arquiteta Denise Melo Franco Moro da Costa, é professora pesquisadora no Centro de Memória da Etec Fernando Prestes, em Sorocaba/SP, desde 2023, atuando com projetos de pesquisa em diversas áreas, como: Construção Civil, Marcenaria, Design e Informática, e participando de eventos promovidos pelo Grupo de Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica - GEPEMHEP.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: presencial, no Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas

Data da entrevista: 27 de junho de 2025

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho, online, pelo teams (que apresentou problemas e não gravou), e, em paralelo, com a filmadora Sony Handycam, DCR-SR68, 60 x Optical Zoom, Zeiss, 80 GB, da entrevistadora.

Duração: 55 minutos e 45 segundos

Número de vídeos: 2 (dois)

Apoio na transcrição: site gratuito – <https://www.turboScribe.ai>, em 27 de junho de 2025.

Número de páginas: 23

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do programa “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, criando volumes específicos para as entrevistas com os curadores ou professores-pesquisadores em centros de memória institucional, com a proposição de difundi-las dentro do projeto “História oral na educação: docentes em centros de memória”, inscrito na Plataforma Brasil – CAAE : 85926524.8.0000.8125, em 17/12/2024, e aprovado por Comitê de Ética indicado em 17/03/2025, e hospedado em percurso histórico no site de memórias.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 28 de junho de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Vídeo um (23 minutos e 48 segundos)

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Boa tarde, Denise de Melo Franco Moro da Costa. Eu agradeço muito você hoje, que é dia 27 de junho de 2025, estar concedendo essa entrevista para o Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, no Programa História Oral da Educação e no projeto Docentes em Centros de Memória, hoje que é dia 27 de junho de 2025, principalmente por você fazer parte do GEPEMHEP, nosso Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, e por isso interessa muito conhecer a sua história de vida: onde você nasceu, onde você estudou, desde a Educação Básica? Como você decidiu pela sua profissão? Quando ingressou no Centro Paula Souza e, finalmente, do seu interesse em ingressar no grupo de memórias. Meu nome é Maria Lúcia Mendes de Carvalho, sou coordenadora do GEPEMHEP. Obrigada.

Denise de Melo Franco Mora da Costa (DMFMC): Olha aí da minha trajetória. Bom, meu nome é Denise de Melo Franco, nome de solteira, Moro da Costa, de casada. Então, meu nome é bem comprido, né? Eu nasci em São Paulo, mas sempre morei numa cidade próxima de São Paulo, que se chama Arujá, na Grande São Paulo. Porque o meu pai era dessa cidade, meus pais se conheceram lá, se casaram e moraram lá a vida toda. Minha mãe era professora e eu acho importante isso, falar como referência, que depois eu vou contar mais. Então, eu

fiz meu ensino regular, né? Até o oitavo ano, oitava série, eu fiz lá em Arujá mesmo. Em 1980, eu nasci dia 9, esqueci de falar isso, né? Nasci dia 9 de fevereiro de 1965, em São Paulo. E aí, em 1980, eu fui para o ensino médio e fui fazer o curso de Edificações (Técnico em Edificações) em Mogi das Cruzes (Colégio São Marcos), porque Arujá não tinha ensino médio profissionalizante. E aí, quando eu estava lá no ensino médio, me encantei com arquitetura, sempre gostei muito de artes e fui fazer Arquitetura e Urbanismo na Faculdade Belas Artes de São Paulo, em 1983.

DMFMC: Então, de 1983 a 1986, eu estudei lá no prédio da Pinacoteca, onde era a Faculdade Belas Artes, e lá eu fui me encantando cada vez mais com a questão da parte da história, da história da cidade, da história das pessoas, eu sempre fui muito ligada a isso. Os projetos de monitoramento, de tudo que eu fazia relativo à escola, inclusive meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), foi ligado à história das pessoas. Meu TCC foi, na época da arquitetura, foi sobre territorialidades, os espaços urbanos e a história das pessoas.

MLMC: Que ano foi isso?

DMFMC: Em 1987. Porque em 1986, eu fiquei até 1986 em São Paulo, e entre 1986 e 1987, eu fui para PUC de Campinas, por causa que muitos professores nossos da Belas Artes, após o movimento de classe de professores para aumento de salário, eles foram demitidos. E aí nós fomos num grupo de 60 alunos para Campinas, e terminamos a Arquitetura e o Urbanismo na faculdade de Campinas. Aí, assim que eu terminei a faculdade (1987), então, o que eu falei, a minha mãe era professora, professora de ensino básico até a quarta série, quarto ano, e ela sempre me influenciou muito, porque tudo era feito em casa, e eu participava muito das atividades, de tudo que acontecia na escola, porque, inclusive, nós éramos vizinhos da escola. Então, tudo a gente fazia junto, né? E aquilo me encantava, mas eu não tinha, assim, muita vontade de ser professora, porque eu achava que era muito trabalho. Mas em 1988, já voltando para a minha cidade natal, natal não, né? Para a minha cidade de Arujá, que eu morava, uma diretora, minha vizinha, me convidou para dar aula. E aí, no Estado, em caráter excepcional, eu dei aula de 1988 até 1995, em caráter excepcional, em Educação Artística e Matemática.

MLMC: E você lembra o nome da escola?

DMFMC: Sim, a primeira escola era uma escola estadual, era chamada Rodrigo Barreto (Escola Estadual Parque Rodrigo Barreto), nas disciplinas Inglês e Educação Artística de 1988

a 1990).E, porque era num bairro retirado (do centro) da cidade, e a escola que eu voltei a dar aula também (1993 a 1995) numa escola que é a mesma que eu estudei até a oitava série (1979), na Escola (Estadual) Doutor Renê de Oliveira Barbosa, também uma escola estadual, ainda em atividade. A Rodrigo Barreto mudou para... Eu não me lembro o nome do pastor (nome atual Escola Pastor Carlos Richard Strautmman), alguma coisa eu não lembro logo, mas ela mudou o nome. Ela acabou mudando só o nome, mas a sede continua, inclusive, no mesmo local. E aí, em 1995, eu fui trabalhar na Prefeitura Municipal de São Paulo, e fiquei trabalhando lá na área de habitação popular, sempre ligada muito a pessoas. Eu sempre gostei muito de histórias de pessoas e cuidar de pessoas. Então, a gente trabalhava nas áreas das favelas de São Paulo, da região sul e sudeste. Então, a gente cuidava da equipe técnica da habitação popular, da Secretaria da Habitação, e cuidava dessa questão da habitação, ligada a risco, problemas que tinham lá, na história das pessoas, inclusive. Por isso que eu gostava (de trabalhar atendendo pessoas) ...

DMFMC: Era muita coisa (problemas com moradia e risco de desmoronamento, alagamento) de pessoas que moravam lá por circunstâncias da vida mesmo. E aí, em 2000, eu saí por causa dos meus filhos. Na verdade, eu tive meu primeiro filho em 1999, final de 1999. Daí eu saí São Paulo, porque o trajeto de Arujá a São Paulo, embora em termos de distância era 28 quilômetros até o Edifício Martinelli, que eu trabalhava no Martinelli, a gente levava de três a quatro horas para chegar, por causa do trânsito da Dutra (rodovia Presidente Dutra). E aí eu não tinha com quem deixar meu filho. Aí eu acabei saindo (da prefeitura e parei de trabalhar longe de casa) por um período de 2000 a 2010. Aí eu trabalhei só com arquitetura no escritório em casa. E aí, tive minha segunda filha em 2005. E quando foi em 2005, um pouquinho antes da minha filha nascer, de eu estava grávida, meu marido foi convidado para executar o projeto, a construção mesmo, da Etec Dr. Celso Charuri, que fica em Capão Bonito. E aí ele foi para lá, foi para Capão Bonito, como arquiteto e fiscal de obra. E nós o acompanhamos. E aí, estando lá, em 2010, abriu o concurso, na verdade o processo seletivo para o Centro Paula Souza. E eu sempre quis ensinar aquilo que eu sabia (dentro da área de construção civil e arquitetura). Aí era uma oportunidade. Então eu entrei no Centro Paula Souza pelo processo seletivo em 2011, em março de 2011 (professora com prazo determinado para lecionar no curso técnico em edificações). E, em 2013, saiu, na verdade no final de 2012, saiu o concurso. E aí eu passei no concurso e fiquei, a partir de 2013, como professora indeterminada, dando aula no curso de Edificações (Curso técnico em Edificações) lá. Mas nesse período eu já estava “namorando” Centro de Memória. Lá não tinha centro de memória. Aliás, ainda não tem. Eu tenho alguns contatos e tenho até solicitado para eles participarem dos Clubes de Memórias. E eu tenho até as plantas (arquitetônicas da escola) tenho acesso (correção: todo

conjunto das plantas arquitetônicas foram doadas a unidade de Capão Bonito). Não tenho comigo, mas tenho acesso às plantas, porque meu esposo participou do processo. E eu sei de toda a história de lá. Aí eu, em 2019 (2018), eu vim para Sorocaba. E, na verdade, em 2015, eu já ia para São Paulo fazer os cursos. E aí queria conhecer o centro de memória (como funcionava o GEPEMHEP).

DMFMC: Aí eu participei de um Clube de Memórias. Ali eu falei, nossa, eu quero fazer isso. Só que eu não conseguia ir lá (São a Capão Bonito mais de 228 Km- eu achava longe). Aí em 2020, na pandemia, eu participei (online) e conversei com a Júlia (Júlia Naomi Kanazawa) na época. E aí a Júlia Naomi falou: - olha, você pode fazer aí em Sorocaba, tem já centro de memória. E como era pandemia, eu só precisei esperar voltar. Em 2021, quando voltou as aulas presenciais, a professora Ivani (Ivani Torres Braghetti), que era uma das pessoas que estava à frente do centro de memória também, junto com a professora Daniele (Daniele Torres Loureiro) me falou um pouco sobre o acervo, ela já saiu (da escola).

MLMC: Em 2022, acho que nós voltamos.

DMFMC: Em 2022, isso mesmo. Em 2022, a professora Daniele me convidou, eu e minha turma para participar da Semana da Primavera dos Museus, em setembro de 2022. E aí eu falei para ela: - olha, eu não quero nada em troca. Eu quero fazer alguma coisa para o centro de memória. Nossa, eu fiquei tão encantada, tão encantada com o projeto (pesquisa que ela apresentou), que eu falei: - eu quero fazer alguma coisa, deixa eu fazer alguma coisa. Ela falou, espera que... Era setembro, né? Aí ela falou, espera um pouquinho que depois a gente vai conversar mais. Aí ela deve ter ido, né? Porque ela não me contou essa parte. Deve ter ido conversar com vocês. E aí eu fui convidada.

MLMC: Mas eu me lembro de ter conversado com você também, acho que numa das capacitações, assim, que eu tinha visto o seu interesse e da importância da sua área para estudar mesmo uma outra etapa, né? Porque o projeto é tão grande e tem tanto por fazer na escola, que dá para ter vários professores envolvidos, né?

DMFMC: Nossa, é verdade. Porque, assim, a memória (é muito importante para mim) ... Eu tenho... Eu sou de uma família contadora de histórias. Meu avô, minha avó, sempre foram, principalmente a família da minha avó (materna), que é lá do Vale do Paraíba, de Caçapava. Eles eram escritores, sabe? Eles são contadores de histórias até... O meu tio avô era poeta (Edgar Portes), amigo do Monteiro Lobato. E aí ele ia... Posso fazer um parêntese?

MLMC: Claro.

DMFMC: Ele ia preso junto com o Monteiro Lobato. (risos)

MLMC: Então era revolucionário também. (risos)

DMFMC: Mas ele era poeta também. Eu tenho os livros dele e tal. E aí a gente... Então eu sempre tive muito interesse nessa parte. Minha avó também (gostava de escrever histórias da família). Minha avó. Eu também era uma contadora de histórias (quando criança). Minha mãe (também gostava de contar histórias). Enfim, e aí, assim, eu vi um potencial. E eu tenho tanto, assim... Eu dou tanta importância à memória e à história que eu sempre falo que tem... Alguém tem alguma coisa para contar. E tem como pertencimento mesmo daquele momento. Tudo bem, cada um no seu jeito de ver. Mas, assim, é muito importante. Então, quando eu entrei lá no nosso centro de memória, embora pequeno (especialmente), mas muito maior do que alguns colegas, que a gente sabe aí nos Clubes de Memórias, eu vi tanta coisa para ser feita. E aí eu pedi para a Daniele, né? Para ela deixar eu fazer alguma coisa (organizar fotos, pesquisas sobre os cursos...). E ela deixou. Então, a partir de 2023, eu entrei oficialmente com o coração cheio de alegria, porque nesse período eu tinha perdido minha mãe. E aí eu falei assim, meu Deus, eu preciso fazer alguma coisa, assim, com honra, até por ela. E para poder me motivar. Não fiquei em depressão, nem nada, porque a gente entende o processo da vida. Mas foi num período tão significativo da minha vida, 2022, quando vocês me convidaram, que eu fiquei muito feliz. E faço de tudo. Olha, estou aprendendo, porque eu já fiz. Eu falo a Júlia, Maria Lúcia. A Júlia é meu ombro. Eu vivo no ombro dela, aliás. Meu ombro não. Eu vivo no fazendo perguntas para ela... É assim, Júlia, por favor, como faz isso? E a Daniele também me ajuda muito, porque, na verdade, eu sei, eu sou contadora de história, mas eu estou aprendendo agora (a contá-las direto), né? E foi assim, esse processo do GEPEMHEP, da historiografia, dessa parte, dessa visão acadêmica de registro, inclusive, foi muito importante, até para eu poder tomar a iniciativa de fazer um mestrado.

DMFMC: Então, eu entrei no mestrado (Mestrado em Tecnologias Emergentes), eu estou fazendo um mestrado ainda, eu estou em processo, né? Estou fazendo, terminei as disciplinas, estou começando a dissertação. O mestrado, eu queria fazer na área de memórias, mas como ele é de tecnologias emergentes, eu não consegui, porque eu precisava de uma autorização do Centro Paula Souza para poder colocar. Eu queria falar sobre o Design e o Desenho, porque eu tinha até (uma sugestão) ... Maria Lúcia tinha me dado um toque.

MLMC: Mas por que você não pediu para nós, da Paula Souza? Você poderia ter pedido.

DMFMC: Então, é que é assim, um processo, Maria Lúcia, a aprovação do projeto, era assim, tinha que ser muito rápido, eu tinha que ter a autorização e tinha que ser rápido.

MLMC: Mas a gente daria uma declaração, com certeza, pelo GEPEMHEP. Eu acho até se você, se existir a possibilidade de você conversar novamente com o seu orientador, porque eu estou te falando isso, porque às vezes solicitam para a gente lá no Centro de Memória, para bolsista ou para estudantes que fazem dissertação em outras instituições, eles pedem autorização de imagem ou de fazer pesquisa. Então, sou eu, normalmente, que dou essa declaração. Então, veja isso aí lá.

DMFMC: Com certeza.

MLMC: Agora, onde você está fazendo?

DMFMC: Eu estou fazendo uma universidade americana, na verdade ela é de brasileiros, ela se chama MUST University, vários colegas do Centro Paula Souza estavam fazendo, e aí eu quis fazer nesse primeiro momento, porque eu acreditava que era mais fácil, mas é muito difícil.

MLMC: Mas é uma parceria com o Centro Paula Souza ou tem custo?

DMFMC: Não, não é. Ela é uma faculdade particular, é que nós temos muitos colegas que já fizeram, que já estão até com o (título reconhecido) ... Porque depois que a gente faz, termina o processo, precisa ter um certificado brasileiro. Então, a gente precisa fazer o que a gente chama de reconhecimento. Então, nesse primeiro momento, sai com um certificado de um mestrado internacional, americano, e depois é que eu vou fazer o processo de reconhecimento. É um pouquinho trabalhoso, mas a gente não consegue o afastamento porque ela é EAD. Mas, assim (mesmo trabalhar nas pesquisas e trabalhos do GEPEMHEP), isso me ajudou. Eu acredito muito que o processo do registro acadêmico, do registro da historiografia, tenha me ajudado muito em relação até ao curso do mestrado. Porque a visão que eu tenho hoje em relação ao que é uma escola, a cultura escolar, o envolvimento de todo o processo, que, embora eu tenha uma licenciatura, que eu esqueci de falar, eu tenho a Licenciatura de Artes Visuais que eu fiz em 2015. Comecei... Não, em 2015, não. Minto. Em 2016, eu comecei a licenciatura e chamava em Educação Profissional pelo Centro Paula Souza. Só que eu fiz durante dois anos. Ele era semipresencial já nesse período. E,

concomitantemente, no final de 2016, como eu queria me especializar em Artes, eu fiz a licenciatura também em Artes Visuais.

MLMC: Onde você fez?

DMFMC: Na Faculdade Metropolitana (Faculdade Mozarteum de São Paulo). Eu fiz... Eu morava em Capão Bonito e lá tinha um polo da Metropolitana de São Paulo (o curso de Artes Visuais era realizado pela Faculdade Mozarteum de São Paulo). E aí, esse período... Então, eu fui me ligando a questões de como trabalhar na educação, porque eu era bacharel. E aí, a gente...

MLMC: Quando você veio para Sorocaba, para a Fernando Prestes?

DMFMC: Fernando Prestes... Foi boa essa pergunta que eu falei. Em 2019, eu vim morar (em Araçoiaba da Serra). Mas, dar aulas na Fernando Prestes, eu vim em 2018. Eu fiquei viajando durante um ano da Fernando Prestes até Capão Bonito, era de Capão Bonito (ainda morava lá). Então, eu viajava toda semana para vir dar aula na Etec Fernando Prestes, na área de Edificações.

DMFMC: Então, em 2018, eu vim para Sorocaba, para a Etec Fernando Prestes e dava aula na Etec de Capão Bonito e na da Fernando Prestes.

MLMC: E você já entrou... Quando você fez concurso, você já entrou como indeterminada?

DMFMC: Em 2013. Em 2011, eu entrei como determinada. E, em 2013, eu entrei como indeterminada. Porque daí foi, no primeiro momento, processo seletivo, e depois eu fiz o concurso. E aí, eu indeterminei em 2013. Então, quando eu vim para Sorocaba, eu já tinha a intenção de vir morar cada vez mais próximo de São Paulo, por causa da minha família. E Sorocaba era uma cidade maior. Meu filho entrou na faculdade. Meu filho mais velho entrou na faculdade. E aí, eu queria vir morar mais próximo do centro ou urbano (área urbana) maior. E eu, na verdade, tinha uma ligação com Sorocaba porque eu tinha muitos colegas. Encontrava os colegas nas capacitações e eu achava muito interessante a forma que eles falavam (da escola, dos alunos). Porque eu morava... A Etec Dr. Celso Charuri, de Capão Bonito, era muito boa. Mas lá só tínhamos um curso. Era uma Etec bem pequenininha. E, assim, eu queria mesmo, se não era vir, mas poder, também executar. A minha ideia era executar também arquitetura, trabalhar com arquitetura. Mas não teve jeito. Eu só fiquei na

educação, porque eu fui cada vez mais me envolvendo. Em 2015, Maria Lucia, além desses cursos que eu fiz, eu comecei a dar aula no ensino médio técnico (curso técnico em Edificações integrado ao ensino médio- atual MTEC Edificações PI). E todo mundo falava aí, meu Deus, dar aula para adolescente e tal. Eu também não tinha... Eu tinha medo. Vou falar a verdade. Mas quando eu comecei a dar aula para os adolescentes, meus filhos também eram adolescentes (nessa época), eu comecei a ver quanta coisa a gente aprende com essas novidades todas e que a gente não pode “parar”. E aí eu comecei ...Eu voltei a estudar e comecei a estudar, estudar, estudar (2015, eu tinha 50 anos) ... E aí eu falava, o que eu estou estudando, eu preciso mostrar para eles e ensinar. E aí eu fui acabando (as capacitações), ficando cada vez mais na educação, ensinando o que eu sabia fazer, já tinha muitos anos. Eu me formei em 87(1987) e sempre trabalhei na área, na verdade, porque quando entrei no primeiro ano da faculdade, eu já fui fazer estágio. Então eu sempre trabalhei na área (de construção civil).

DMFMC: Então eu tinha essa visão de que eu precisava passar o meu conhecimento para alguém. E aí eu acabei me envolvendo (com educação). E essa turma (a primeira turma do ensino médio técnico que lecionei), eu sempre brinco com eles, ainda tenho contato com alguns, por causa das redes sociais, eu falo: - vocês são culpados de eu ter continuado a ser professora, porque até hoje eles brincam assim: -olha, a senhora trabalha ou é professora? (nessa mesma turma, em 2017, participei com três alunos, fui orientadora, da FETEPS 2017, e o nosso trabalho ficou em 1º lugar no Eixo de Infraestrutura com o Projeto Aplicativo MEC- materiais com especificação e custos)

MLMC: Eu vou ter que interromper um minutinho e nós voltamos.

DMFMC: Combinado, tá joia. Aí você dá um pause aí?

MLMC: Dá para você... Eu não estou conseguindo aqui.

DMFMC: Ah, é porque sou eu, né? Espera aí. Desliga a câmera? O que você quer que eu faça?

MLMC: Isso, desliga e a gente vai começar novamente.

Vídeo dois (30 minutos e 22 segundos)

MLMC: Boa tarde, Denise. Desculpe a interrupção, mas eu gostaria de começar com uma pergunta, retomando a nossa entrevista. No ensino médio, quando você começou a trabalhar com as turmas de ensino médio na Fernando Prestes, você trabalhava com projeto? Como era?

DMFMC: Sim, na verdade, no ensino médio, comecei no curso de Edificações, no primeiro momento. E aí, apesar de eu ter a licenciatura em Artes Visuais, eu trabalhei só em 2020 com artes visuais. Aí, no ensino básico, eu trabalhei com projetos, e a gente tinha, nesse período, eu comecei em 2020, quando eu conheci o centro de memória mais profundamente. Aí entrou a pandemia, mesmo assim, eu participei do Clube de Memórias, e eu fiz uma proposta para eles (para os alunos que eu estava dando aulas neste período) de memória e identidade. Então, meu primeiro projeto foi em artes de memória e identidade (esta prática pedagógica foi publicada no ebook) Aí eu trabalhei com esses alunos, de forma, no primeiro momento, pelas aulas remotas, até o período de 2021, trabalhei com eles um primeiro projeto de artes visuais sobre autorretrato (já tinha concluído em 2019 a Pós Graduação Tecnologia na Educação na FAVENI- Faculdade Venda Nova do Imigrante, meu primeiro curso totalmente EaD). Em 2021, quando a gente voltou, eu já tinha participado do Gfac para a implantação do projeto Design de Interiores 20% online. Então, eu ajudei no desenvolvimento dos currículos de algumas disciplinas, e eu tive esse primeiro contato com o ensino híbrido. E, na coordenação, o professor João (João Batista Macedo Jr), que me coordenava nesse projeto, ele me ajudou e me incentivou a fazer uma pós-graduação em ensino híbrido e EAD. Ele falou: - olha, a gente já tinha até esse feedback do Centro de Paula Souza, já estudava bastante essa parte do uso da tecnologia, de usar nos projetos essa nova metodologia, metodologias ativas. E aí, quando eu fiz a pós-graduação em ensino híbrido remoto e metodologias ativas, em 2022, eu me formei (certificado). Na verdade, comecei em 2021, terminei em 2022 (Pós Graduação Ensino à Distância, Ensino Híbrido e Metodologias Ativas pela Faculdade Metropolitana de São Paulo), e participei do livro(ebook) com duas propostas: uma para ensino híbrido, que foi sobre Artes Visuais, esse projeto de autorretrato que eu adaptei, e o outro projeto, que também está num livro da professora Eva (Eva Chow Belezia), que foi de projeto, quando entrou ao novo formato da BNCC, dos projetos interdisciplinares, que era LIC, era Iniciação Científica, Laboratório de Iniciação Científica. (retificação deste trecho: Em 2022, após perdi várias aulas livres, e por isso, para recomposição da minha carga horária, foi me oferecida a disciplina de LIC - Laboratório Iniciação Científica no IPI Curso Técnico de Informática para Internet, que foi um desafio, pois fazia parte itinerário do novo ensino médio. Fiz várias capacitações e fui convidada pela Prof. Juliana Nazaré Alves Souza para participar do ebook ATIVIDADES INVESTIGATIVAS COMO ESTRATÉGIA PARA O

ENSINO APRENDIZAGEM, com o trabalho: MUDANÇA DE COMPORTAMENTO NO CONSUMO E USO DA TECNOLOGIA - Quebrou, estragou, desatualizou: o que faço agora? Ebook publicado em 2023 e que se encontra no site do Centro de memória CPS) Eu trabalhei com o projeto e aí a gente fez na área, não era na área de memórias, mas era na área de educação financeira, porque era do curso de Logística e IPI (curso Técnico de Informática para Internet) Então, eu acabei desenvolvendo alguns trabalhos de projeto, tanto para LIC (Laboratório de Iniciação Científica), quanto para a professora Eva no ensino híbrido (Ebook sobre Metodologias ativas: Práticas Docentes no ensino Híbrido organizado pela Prof. Eva Chow Beleza com a atividade AUTORRETRATO: EU, A ARTE CONTEMPORÂNEA E MINHA IDENTIDADE, publicado em 2024). Então, a gente tem desenvolvido algumas coisas lá.

MLMC: Me manda esses dois artigos que você produziu para pôr no site de memórias, no seu nome.

DMFMC: Ah, é?

MLMC: Assim eu vou colocar lá em artigos, que está dentro de uma publicação.

DMFMC: Ele está no e-book, o do LIC também já foi publicado e eu acredito que eu tenho os dois e-books, eu mando para você, o artigo e o capítulo (os ebooks estão publicados no nosso site Centro de Memória CPS).

MLMC: É, porque é bom ficar para a gente difundir no site de memórias, né? Quer dizer, então você também trabalhou no Gfac.

DMFMC: Trabalhei.

MLMC: Assim, apoiando os projetos. De qual período?

DMFMC: No período de 2020, final de 2020. Assim, oficialmente é final de 2020. Eu fiquei um pouquinho mais assessorando, porque, na verdade, por livre espontânea vontade, porque eu queria muito participar, né? E eu gostei da ideia e eu comecei... A gente tem alguns preconceitos em relação ao ensino EAD e eu estava tendo esse contato com uma nova metodologia e eu falei: - eu quero conhecer mais, porque eu gosto muito de estudar, né? Então, eu quis conhecer mais e, em 2023, eu fui, eu prestei, na verdade, um processo seletivo

interno e fiz currículos de um projeto do professor Almério (Almério Melquíades de Araújo) de ensino híbrido (correção Mtec Noturno em Design de Interiores). Na verdade, ele começou com esse projeto e aí foi para o GEAD (retificando: em 2024, participei de um processo seletivo interno para ser professora conteudista do Curso Técnico em Condomínio no formato híbrido, projeto do professor Almério Melquíades de Araújo, – desenvolvendo duas disciplinas até dezembro/2024). É GEAD? Agora, é GEAD, né? Porque é uma proposta de ensino híbrido. Eu fiz currículo de um curso que chama Técnico em Condomínios e aí eu desenvolvi algumas disciplinas, né? Que são roteiros de disciplina para ensino híbrido. Então, você desenvolve o projeto no currículo Conteúdos para Aulas Presenciais com Atividades Presenciais e Aulas EAD, né?

MLMC: Como é que era o nome desse curso?

DMFMC: O curso chamava Técnico em Condomínio. Chama, né? Porque ele ainda está em processo Técnico de Condomínio. Que era dentro do ensino híbrido. Existem vários cursos que já estão prontos, né? A equipe mostrava, assim, os processos. A gente tinha reuniões, inclusive, com os coordenadores pedagógicos. E existem vários, né? Mas eu participei, por ser arquiteta, eu participei desse de Infraestrutura (área de infraestrutura) que é de Condomínio.

MLMC: E quantas horas você tinha e quanto tempo levou esse projeto?

DMFMC: Esse projeto levou um ano. Na verdade, eu tinha cinco horas de HAE (horas atividade específicas) para desenvolver o currículo. Então, eu peguei uma disciplina. A gente conseguiu terminar isso até julho de 2024. Foi... Maria Lúcia agora me deu o branco.

MLMC: Não, é só para ter ideia.

DMFMC: É, eu falei 2023, mas foi o ano passado. Foi 2024, então, foi julho de 2024. Aí terminamos em julho as primeiras disciplinas. Depois teve continuidade e eu fui até dezembro de 2024 com as outras disciplinas do mesmo curso. Então, era um grupo, né? Cada um dentro da sua área de formação, desenvolvia o currículo (retificação :a disciplina e as atividades relativas aos conteúdos). Então, eu trabalhei diretamente com, naquele momento, não era mais o Gfac, né? O Gfac fazia análise das disciplinas que a gente montava (o conteúdo para o Mtec Noturno). Eu era professora conteudista, né? Que a gente chama. E aí passava.

Então, o ensino, em 2020, foi para o Gfac, diretamente para o Gfac, com essa proposta de 20% online (2023:100% presencial com proposta de ensino médio integrado no período noturno) E depois, em 2024, foi esse projeto do GEAD. Para poder fazer esses cursos que o Centro Paula Souza estava ofertando híbrido (ensino híbrido).

MLMC: E o curso começou agora, então, esse ano, 2025?

DMFMC: Então, eu creio que sim, né? Porque ela não está ligada à minha unidade, né? A minha unidade não tem esse curso. Eu não sei qual unidade que está ofertando ou se é o próprio Centro Paula Souza que oferta. Como a gente é conteudista, a gente tinha um prazo para entregar. A ideia era já começar, em 2025, esse curso que nós estávamos fechando aí, terminando de escrever, né? De montar. Então, acredito que tenha alguma base técnica que deve ter, eu preciso pesquisar. Deve ter ofertado já.

MLMC: Então, esse curso, ele teria 20% online e 80% presencial, é isso?

DMFMC: Sim.

MLMC: E o que você sentiu ao elaborar o curso? As vantagens.

DMFMC: No primeiro momento, o que eu fiz de 20% online e 80% presencial, a única unidade da nossa regional que aceitou o curso foi Itu (Etec Martinho Di Ciero-Itu) . E eu dava aula em Itu nesse (naquele) momento (2019 a 2021). Então, eu peguei essas disciplinas que eram online, exatamente dar o feedback sobre poder estar dando 20% online. Como a gente estava num momento de retorno de pandemia, esse 2021, o que a gente percebeu como professor? Os alunos estavam muito acostumados em ficar em casa. E o 20% online é só 20% em casa. Então, a gente tinha uma certa dificuldade, né? Porque durante a pandemia, os alunos, nas minhas aulas, eu conseguia ter um número expressivo de alunos online. Mas, depois foi perdendo (interesse em ficar online, queriam aulas presenciais), a gente começou a brincar que a gente dava aula sem saber quem estava lá. A gente falava que “era aula para parede”, entre aspas, né? Então, eu acredito que ele (o curso) foi perdendo a força. E aí, o presencial hoje, ele tem mais adesão, eu acredito, dos alunos. Mas o híbrido, agora que foi esse o último projeto que eu participei, que, na verdade, o híbrido é 40% online e 60% presencial. O que eu percebi é que todo mundo, depois da pandemia, mudou, ficou, todo mundo ficou com multitarefas. Então, não se faz uma coisa só, faz muita coisa ao mesmo tempo. E os nossos alunos, a mesma coisa. Então, eles começaram a sentir essa necessidade de ter um momento

para resolver também as outras coisas (e estudando ao mesmo tempo). E o híbrido, a proposta dele, eu acho boa. Melhor do que o 20% online, porque o 20% online, hoje a gente tem o curso de Edificações aqui, ainda na Etec Fernando Prestes, Edificações 20% online. A gente perdeu muitos alunos. Talvez, por ser um curso prático, não sei. Estou julgando, porque, na verdade, eu dei aula no Design (Técnico em Design de Interiores 20% online), que funcionava bem, mas era a época de pós-pandemia, e agora em Edificações (não está funcionando). Edificações, a gente está fechando o curso de Edificações na Etec Fernando Prestes, por falta de demanda, por falta de aluno.

MLMC: E é estranho isso, porque a construção civil está em alta.

DMFMC: Muito em alta. Aqui na Etec Fernando Prestes, no bairro, no entorno da Etec, a gente tem mais ou menos uns oito empreendimentos de habitacionais verticais (em construção), ou seja, estamos falando prédios. Então, tem uma necessidade, tem um crescimento. A construção civil é uma área que, normalmente, quando ela é afetada economicamente, é porque outros setores estão muito ruins. Normalmente, inclusive, a gente tinha esse discurso com os nossos alunos, porque em Capão Bonito, uma cidade menor, bem menor, 50 mil habitantes, a gente estava em crescimento e não tinha qualificação. Então, a gente falava, pessoal, a construção civil, se você se qualificar, vai ser bom para você, porque você vai poder ampliar a sua visão empreendedora ligada à área da construção. E aí, aconteceu isso. Mas eu não acho que, especificamente, seja por causa dos 20% online. Eu acho que é por causa dessa multitarefa e das ofertas dos cursos online, que são os cursos EAD. Isso é a minha opinião. Embora eu faça o EAD e eu faço o curso e me especializei, eu sinto isso, que os alunos colocam para a gente (esse dilema), porque ele vai sair do curso, porque ele não tem tempo, porque o custo de vir à escola, para eles, de transporte, alimentação, acaba ficando mais barato ele estudar no EAD. Então, ele tem esse discurso. Então, a minha preocupação é assim, porque o híbrido, o híbrido necessariamente precisa estar na escola. Ele pode estar 40% fora, mas as atividades pedagógicas, as práticas pedagógicas, elas são vinculadas. Nós temos (tivemos) esse cuidado de fazer um vínculo entre o conteúdo que era dado presencial com o conteúdo que era disponibilizado no EAD.

DMFMC: Então, eu ainda não tenho feedback porque a gente não está trabalhando com o híbrido. Mas assim, tinha essa premissa. Nesse 40% (não tenho informações), no 20%, alguns cursos não foram para frente, porque a gente tem feedback, e no 40% eles estão sendo implantados, ainda não tem esse retorno. Mas eu tenho certeza, Maria Lucia, que é uma realidade que a gente precisa levar em consideração. Porque hoje, é isso que eu falei, a gente

tem várias coisas que faz, concomitantemente, (muitas) tarefas. E aí, se o ensino for bem programado, e isso eu vi na equipe, os coordenadores pedagógicos do Ensino Híbrido, desse último projeto que eu participei, foram muito focados e comprometidos com a questão dessa educação online. Não ser só qualquer educação, mas alguma coisa que motivasse eles se formarem, se capacitarem mesmo naquilo que eles estavam fazendo. Então, eu sinto isso, que agora com esse 40% online, vai ser uma oportunidade, uma nova oportunidade que o Centro Paula Souza está dando, para que as pessoas possam voltar a estudar ou continuar os seus estudos, dentro das profissões que ou eles já estão exercendo, ou que eles querem se qualificar. Então, eu sinceramente espero que dê certo.

MLMC: Nós de memórias, é bom que a gente comece assim, é bom que vocês participam da construção desses cursos, e de a gente ir guardando o material, e acompanhando para futuramente fazer parte dos nossos projetos, porque é preciso escrever sobre eles.

DMFMC: É porque, supostamente, a gente tem muita coisa para contar de história, e muita coisa para registrar de história também.

MLMC: É, a gente tem que pensar, escrever sobre o passado, mas também ficar atento ao que está acontecendo atualmente, porque a velocidade com que a mudança de tecnologia ocorre, se a gente não ficar armazenando informação, e ficar atento, nós vamos perder também. Agora, eu queria aproveitar também e te perguntar ainda sobre a sua escola, Fernando Prestes. Vocês têm galeria de diretores, as fotografias pela escola?

DMFMC: Então, isso é uma coisa que, quando eu vim a primeira vez na escola, conhecer a Etec Fernando Prestes, porque eu tinha a intenção de vir morar em Sorocaba, e vim conhecer a escola primeiro. Quando eu entrei, uma das coisas que me encantou mais ainda, porque eu gosto muito dessa escola, é quando eu entrei, eu vi, nós temos lá um museu permanente, na verdade, vou chamar assim, mas era uma exposição histórica, que a professora Stella (Stella Maris Cano Ronzani) e Rose (Rosemari Santos de Paula), que eram (foram) as precursoras do Centro de Memória, elas montaram lá. E eu, como eu gosto de história, quando eu entrei lá no saguão, no hall principal, você entra assim à esquerda, você vê aquelas fotografias todas, e aí contando a história, desde quando começou. Desde 1929, então tem fotos do período da ferrovia, e aí eu fiquei encantada. E fora isso, tem os móveis lá, alguns móveis que são da época, que foram feitos pelos nossos alunos, de marcenaria. Eu acabei fazendo, inclusive, um projeto, você sabe, Maria Lucia, e apresentei o ano passado. E aí, lá, eu fiquei encantada.

Falei, nossa, que coisa linda! E só não temos galeria ainda, nós vamos falar nós, porque, na verdade, a Daniele já fez todo um levantamento, nós temos exposições, fizemos exposições na comunidade, eu não participava ainda, mas tem na historiografia do Centro de Memória. Exposições dos diretores, temos aí fotos já dos diretores, ainda não tenho a galeria, mas nós temos essa exposição permanente. Então, quando a gente chega, qualquer pessoa chega na escola, é lá que a pessoa vai, é o primeiro momento, porque chama muito a atenção, porque tem as fotos e os objetos lá, inclusive bustos, que foram feitos, alguns móveis, então, tem bastante coisa aqui.

MLMC: Porque a história da sua escola começa lá com o edifício da Rubens de Faria, não só da sua escola, como também da Fatec de Sorocaba, que também iniciou lá no edifício da Rubens de Faria, um edifício histórico muito bonito.

DMFMC: Lá já é um patrimônio tombado, e, na verdade, lá começou (em 1970) duas histórias. Na verdade, continuou a história da Etec Fernando Prestes e começou a história da Rubens de Farias. Então, nós temos muita história para contar. Quando eu brinco com os meus alunos que eles vão conhecer o Centro de Memória, e eu estou começando a ter alguns mais alunos interessados. Essa semana passada, os alunos quiseram ir lá, conhecer. Não tinha nem uma visita programada, não tinha nada programado, e eles queriam ir, queriam ir. Eu falei, preciso pedir autorização. Não, não, eu quero ir, professora, por favor. Quando eu mostrei o fixo do nosso museu lá e fui contando a história, eles não acreditaram. Falaram, nossa, 1929, eles não têm nem... porque são quase 100 anos. E esse ano, esse mês, agora em junho, dia 9 de junho, (a escola) fez 96 anos a história. Então, assim, eles mesmos estão começando a se interessar. Essa turma, né? Tem outras turmas que estão... as minhas turmas estão começando a se interessar e querer fazer alguma coisa.

MLMC: Sim, porque tem que se preparar com antecedência para comemorar 100 anos, né?

DMFMC: É verdade, então. Assim, por isso até que eu estou buscando aí convencer as nossas precursoras a dar entrevista (risos) para a gente contar a história aí (desses anos de trabalho e registros).

MLMC: E, também é importante ter as entrevistas com diretores, ex-diretores, né? A gente tem com o Koritiake (Luiz Antônio Koritiake), né? Que foi feito aí na escola.

MLMC: Porque, assim, tem duas coisas que eu acho que são fundamentais nos nossos projetos de história da educação profissional e tecnológica. É conhecer os diferentes nomes pelos quais as escolas passaram, porque todas elas tiveram várias denominações em função das políticas públicas. E, também quem foram os gestores. Porque a hora que você vai estudar o espaço da escola, a postura, a visão do diretor ou da diretora é muito importante para entender aquele momento, não só histórico, mas governamental. Então, por isso que eu sempre questiono a galeria.

DMFMC: É, o que é interessante, e você falou uma coisa bem interessante, porque uma das coisas que me chamou a atenção é quando eu fiz o primeiro Clube de Memórias, em que eu participei, a Júlia tinha pedido uma atividade para eu falar sobre o nome da escola, sobre o Fernando Prestes em si. E eu fui pesquisar, eu não sabia nem quem ele era, para falar a verdade, e num primeiro momento eu falei, vou ver quem é. Mas aí eu não sabia como fazer. Aí eu entrei, a primeira vez que eu entrei no site do Centro de Memória, e aí quando eu entrei e vi a entrevista de uma ex-diretora nossa, a professora Leila (Leila Tereza Rolim de Oliveira Almeida), eu falei, nossa! E ela contando, eu falei, meu Deus, tem muita coisa, muita coisa, preciso conhecer melhor. Então, quando a gente ouve, e aí fala dentro da visão deles, de quem é o gestor, de como era, quais eram as coisas do contexto que estavam influenciando.

MLMC: Da mesma forma os professores, quando a gente ouve o professor Paulo (é Bruno Vergílio) contando como é que foram montados os laboratórios de informática, e na Fernando Prestes, você percebe a importância do envolvimento do professor, mas inclusive da comunidade, porque foi um trabalho de equipe para poder criar esses laboratórios.

DMFMC: Nossa! Eu estou fazendo um trabalho sobre uns computadores que a gente ganhou da escola e, na verdade, foi resgatado. A Daniele resgatou esses computadores que tem vários que vão ser... Eu não lembro qual é o termo técnico (baixa patrimonial).

MLMC: Vão ser inventariados agora, vão fazer parte do mapeamento. É isso?

DMFMC: O nosso vai fazer parte do mapeamento, mas foram selecionados, esses objetos e os que eram da época vão ser descartados. Eu esqueci o nome técnico. Aí, esses computadores e mais a entrevista do professor, o que foi tão importante de entender, porque eu quero entender também o espaço da escola. Como você falou, como é importante saber as transformações que ocorreram... Esse prédio, especificamente, da Etec Fernando Prestes, foi construído para a Etec Fernando Prestes. Porque, na época, com a divisão das duas Etecs,

a Etec Fernando Prestes ganhou esse prédio. E era um prédio novo, de 1980. Mas é interessante que, nesse período, também teve várias transformações na questão da tecnologia dentro da educação mesmo. E a gente vê como é importante e que influência que tem. Você falou da comunidade. Eu descobri, dando spoiler do meu trabalho, eu descobri, por exemplo, que nossos computadores, apesar que pode ser óbvio o que eu vou falar, mas nossos computadores eram os computadores que eram usados pelas empresas. Eles não eram especificamente para a educação. Eram para empresas. Porque os nossos alunos tinham que aprender na máquina que eles iam trabalhar.

MLMC: Sim. Mas sempre foi assim. A máquina de escrever também.

DMFMC: Exato. Aí eu falei, nossa, olha. Olha só que interessante. Quando a pessoa pergunta, mas a comunidade, o mercado de trabalho, tem a ver com o ensino profissional? Vocês estão dentro da (sociedade) ... Vocês estão fazendo o que realmente precisa? Sim, estão fazendo. E os objetos falam por eles. Quando a gente estuda os objetos, eles vão falar por eles. Dando essa prova que nós estamos contextualizados em relação às necessidades do mercado, da sociedade. Então, é muito importante estudar. E cada objeto tem uma história. E ele vai falar exatamente daquele período. Do que está acontecendo no mundo e naquele lugar, naquele momento.

MLMC: Denise? Eu vou ter que interromper novamente a nossa entrevista por causa do período que eu estabeleço para cada entrevista com os professores para ficar mais uniforme. Então, eu vou transcrever essa entrevista. Eu agradeço muito você ter concedido para nós, para mim, Maria Lúcia Mendes de Carvalho, do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica da Paula Souza. Como eu disse no início, vai fazer parte do nosso Programa de História Oral na Educação. E assim que eu transcrever, vou mandar para você, pedindo autorização. E mandando o vídeo também para você apreciar. Tá bom? Muito obrigada!

DMFMC: Eu agradeço muito, Maria Lucia. E agradeço muito pela oportunidade também de estar participando do GEPEMHEP, e assim estou muito honrada em fazer parte desse grupo, e agradeço por sua consideração e respeito sempre. Ciao Maria Lucia.

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Docentes em centros de memória

Etec Fernando Prestes

Etec Rubens de Faria

Etec Dr. Celso Charuri

Arquitetura e Urbanismo

Educação Artística

Denise de Melo Franco Moro da Costa

Licenciatura em Artes Visuais

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Julia Naomi Kanazawa

Daniele Torres Loureiro

Eva Chow Belezia

Almério Melquíades Araújo

BNCC

Ensino Híbrido

Metodologias ativas

Pandemia

Gfac

GEAD

Técnico em Edificações

Técnico em Condomínio

Secretaria da Habitação

Favelas

Escritório de Arquitetura

Estágio

Design e Desenho

Marcenaria

Técnico em Design de Interiores 20%

Aulas remotas

Currículos

Horas Atividade Específicas

Luiz Antônio Koritiake

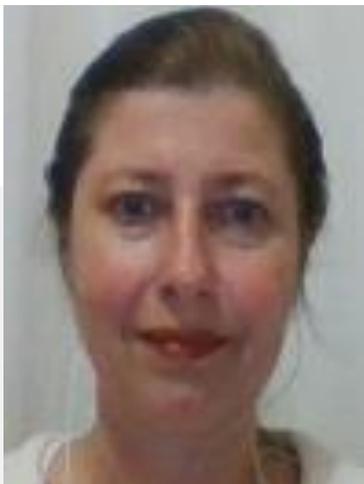
Leila Tereza Rolim de Oliveira Almeida

Bruno Vergílio

Stella Maris Cano Ronzani

Rosemari Santos de Paula

Dados Biográficos da Entrevistada



Denise de Melo Franco Moro da Costa – cursou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Belas Artes de São Paulo (1983-1986). Gradou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1987). Concluiu Formação Pedagógica em Artes Visuais (2016) e Licenciatura em educação Profissional pelo Centro Paula Souza (2016). É professora do ensino médio e técnico, bacharel em Arquitetura e Urbanismo e licenciada em Educação Profissional e Artes Visuais no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Fundamentos e Crítica das Artes Visuais, Pós-graduada em Novas Tecnologias Aplicadas na Educação (2019), Pós graduada em Ensino à Distância, Remoto e Metodologias Ativas (2022) e Pós graduada em Artes Visuais (2024). Especialização em Projeto Pedagógico para Ensino de Artes (2021) e Especialização em História e suas Culturalidades (2021). Participou da equipe desenvolvimento conteúdo do Grupo de Formulação e Análises Curriculares (GFAC) - Centro Paula Souza para o Projeto 20 online (2020) e para ensino médio técnico noturno em Design de Interiores (2023). Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP) desde 2023 como professora pesquisadora e curadora do Centro de Memória Etec Fernando Prestes. Foi professora orientadora de trabalhos de Conclusão de Curso na Etecs Dr Celso Charuri (2014-2019) e Etec Fernando Prestes (2018 e 2022), nos eixos de infraestrutura, design e cultura com foco em Projetos, Sustentabilidade e Inovação. Desenvolve conteúdo para ensino híbrido no GEEAD - Centro Paula Souza (2024). Faz parte do Núcleo Culturais e Artísticos nos polos do Centro Paula Souza desde 2022. Mestranda em Tecnologias Emergentes na Educação. Fonte:

CV: <http://lattes.cnpq.br/4396338089110689> Acesso em: 28 jun. 2025.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em; 05 fev. 2025.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Denise de Melo Franco Moro da Costa

Termo de uso de Imagem de Denise de Melo Franco Moro da Costa

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Denise de Melo Franco Moro da Costa